

A CREDIBILIDADE DO HISTORIADOR NA ERA DA PÓS-VERDADE

THE CREDIBILITY OF THE HISTORIAN IN THE POST-TRUTH ERA

LA CREDIBILIDAD DEL HISTORIADOR EN LA ERA DE LA POSVERDAD

João Pedro Canez da Silveira

Universidade Federal de Pelotas

ORCID – <https://orcid.org/0000-0002-4920-0260>

Resumo: Este artigo busca conscientizar seu leitor de que não é apenas à área das ciências da natureza que é negada e deturpada para os mais diversos fins, mas a área da História também sofre com a pós-verdade. Realiza uma breve introdução à origem da noção do termo “pós-verdade”, demonstrando que ela é bem mais antiga do que se imagina, e se vincula a diversas áreas da sociedade, como a religião, política, História, etc. Sua estrutura substantiva decorre da desinformação, onde atualmente qualquer pessoa pode estabelecer uma compreensão provisória a ser aceita já como suficiente, bastante, ou seja, um entendimento de valia a verificar-se posteriormente. Pretendemos não só alertar sobre os desafios que os historiadores enfrentam ao tentar exercer sua função na sociedade, como caracterizar o que de fato pode ser considerado como uma “pós-verdade”. Mostraremos que a vinculação da pós-verdade com a História pode ser, dependendo da sua potência e da sua difusão, ser uma combinação que acarreta não só a mudança de visão da realidade que as pessoas tem, como pode diminuir a credibilidade que os especialistas da área possuem com seu próprio objeto de estudo, uma vez que em uma sociedade onde, a princípio, todos podem usufruir a liberdade de escrever a História sem nem ao menos ter um aprimoramento cognitivo/informativo, é uma sociedade que não verá necessidade de especialistas sobre o assunto. Sendo assim, uma pessoa mal-intencionada pode deturpar a História para diversos fins, posto que os demais, desprezando a verificação mais intensificada do que foi divulgado, estarão propensos a acreditar facilmente nas divulgações de fatos que lhes chegam. Por fim, reforço que a desinformação é uma arma extremamente perigosa, e que suas consequências dificilmente são reparáveis.

Palavras-chave: Fake News. Manipulação. Política. Historiografia. Credibilidade.

Abstract: This article makes its reader aware that it is not only the area of natural sciences that is denied and misrepresented for the most diverse purposes, but the area of History also suffers from post-truth. We will make a brief introduction to the origin of the notion of the term “post-truth”, demonstrating that it is much older than one imagines, and is linked to different areas of society, such as religion, politics, history, etc. Its substantive structure stems from misinformation, where currently anyone can establish a provisional understanding to be accepted as sufficient, enough, that is, an understanding of value to be verified later. We intend not only to warn about the

challenges that historians face, but also to try to exercise their role in society, characterizing what can in fact be considered as a "post-truth". We have a link between the truth and a story that can be displayed in the view of its potency and its view of reality that people have, as it can diminish the credibility that the specialists of their view have with their own object of study, one that in a society where, in principle, everyone can enjoy the freedom to write History without even having a cognitive/informative improvement, it is a society that will not see the need for knowledge on the subject. Thus, a malicious person can misrepresent History for various purposes, since the others, despising the more intensified selection of what was disclosed, will be prone to believe the disclosures of facts that come easily. Finally, the reinforcement that the disinformation weapon is an extremely dangerous weapon, and that its consequences are hardly repairable.

Keywords: Fake News. Manipulation. Politics. Historiography. Credibility.

Resumen: Este artículo pretende concienciar a su lector de que no es sólo el área de las ciencias naturales la que es negada y tergiversada con los más diversos fines, sino que el área de la Historia también sufre con la posverdad. Ofrece una breve introducción al origen de la noción de "posverdad", demostrando que es mucho más antigua de lo que podría pensarse, y está vinculada a diversos ámbitos de la sociedad, como la religión, la política, la historia, etc. Su estructura sustantiva procede de la desinformación, donde actualmente cualquier persona puede establecer un entendimiento provisional que se acepte como ya suficiente, es decir, un entendimiento de valor que se verificará más adelante. Pretendemos no sólo advertir sobre los retos a los que se enfrentan los historiadores cuando intentan ejercer su función en la sociedad, sino también caracterizar lo que de hecho puede considerarse una "posverdad". Demostraremos que la vinculación de la posverdad con la Historia puede ser, dependiendo de su potencia y de su difusión, una combinación que suponga no sólo un cambio en la visión de la realidad que tienen las personas, sino que también puede restar credibilidad a los especialistas en la materia ante su propio objeto de estudio, ya que en una sociedad en la que, en principio, todo el mundo puede disfrutar de la libertad de escribir Historia sin tener siquiera una mejora cognitiva/informativa, es una sociedad que no verá la necesidad de especialistas en la materia. Por lo tanto, una persona malintencionada puede tergiversar la Historia para varios fines, ya que otros, haciendo caso omiso de la verificación más intensificada de lo divulgado, serán propensos a creer fácilmente en la divulgación de los hechos que les alcanzan. Por último, refuerzo que la desinformación es un arma extremadamente peligrosa, y que sus consecuencias son difícilmente reparables.

Palabras clave: Fake News. Manipulación. Política. Historiografía. Credibilidad.

“No final das contas, foi por meio do duplopensamento que o Partido conseguiu (e pode, até onde sabemos, continuar conseguindo por milhares de anos) deter o curso da História”

-George Orwell

INTRODUÇÃO

3

A pós-verdade é uma das principais causas de desconfiança em relação aos historiadores. Atualmente, é muito comum utilizar fatos históricos de maneira deturpada como ferramenta para causar a adulteração de um viés político, tanto para embasar de certa forma um argumento, quanto para diminuir a credibilidade de um verdadeiro estudioso da área. Dois bons exemplos destas circunstâncias, respectivamente, são os argumentos de que o nazismo é de esquerda e que a violência da ditadura de 64 era completamente justificável.

Desta maneira, tenho como objetivo trazer argumentos convincentes alertando os acadêmicos da área da História sobre os perigos que a manipulação da história e a falta de credibilidade dos historiadores pode causar para a sociedade pós-moderna, que vive na era de pós-verdades.

AS ORIGENS DA PÓS-VERDADE

O termo “Pós-verdade” está se tornando cada vez mais presente na mídia e na política atual, tanto que a mesma acabou ganhando o título de *palavra do ano* em 2016 de acordo com o Dicionário Oxford, um dos mais importantes da língua inglesa. O Dicionário Oxford a define como um adjetivo relacionado às circunstâncias em que os fatos influenciam menos a opinião pública do que apelos à emoção ou às crenças pessoais (SIEBERT & PEREIRA, 2020, apud OXFORD, 2016).

No ano em questão, a pós-verdade entrou em pauta principalmente pelo viés político hegemônico que domina o mundo, devido tanto às

estratégias utilizadas nas campanhas à presidência americana, quanto à saída do Reino Unido da União Europeia. Respectivamente, o então eleito Donald Trump utilizou-se das mais diversas notícias falsas para conseguir validar sua campanha, e os favoráveis à saída do Reino Unido estavam munidos de um fervor nacionalista, que pouco se sustentava devido aos problemas que o brexit acarretaria ao país.

Estes dois eventos definem bem as principais características da pós-verdade – crenças em fatores emocionais e tomar algo como verdade de acordo com o ponto de vista individual, ignorando os fatos-, contudo, esses e outros conceitos que englobam o termo são muito mais antigos do que aparentam. De acordo com Silvio Genesini, autor do artigo publicado na Revista USP “A pós-verdade é uma notícia falsa”, engana-se quem acredita que as notícias falsas (*fake news*) são responsáveis por estarmos vivendo em um mundo pós-verdadeiro, e que a verdade quase sempre é subjetiva e não conhecível (GENESINI, 2018).

O ser humano só conseguiu chegar onde chegou graças a sua capacidade de criar e compreender simbologias, e foi este fator que conseguiu uni-lo aos demais de uma maneira que conseguem conviver baseando-se em ficções como leis, crenças etc. Portanto, é fácil deduzir que fatores subjetivos criados a partir da mente humana tenham forte influência na maneira como os demais enxergam a realidade (HARARI, Pg. 290, 2018).

Há vários exemplos de Pós-verdade por toda a História da humanidade. Conforme o PHD em História pela Universidade de Oxford, Yuval Noah Harari, diz:

Por milênios, muito do que era considerado “notícia” e “fato” nas redes sociais humanas eram narrativas sobre milagres, anjos, demônios e bruxas [...] Se você é um cristão fundamentalista é mais provável que insista em que cada palavra da Bíblia é verdade. Suponhamos por um momento que você tem razão, e que a Bíblia realmente é a infalível palavra do único e verdadeiro Deus. O que, então, você faz com o Corão, o Talmude, o Livro dos Mórmons, os Vedas, o Avesta, o Livro dos Mortos egípcio? (ibidem, Pg. 290-291, 2018)

O historiador também dá exemplos de pós-verdade na política ao longo da História:

Religiões antigas não foram as únicas que usaram ficção para cimentar cooperação. Em tempos mais recentes, cada nação criou sua própria mitologia nacional, enquanto movimentos como o comunismo, o fascismo e o liberalismo modelaram elaborados credos que se autorreforçam. (ibidem, Pg. 293-294,2018)

Ou seja, a pós-verdade é um conceito que está totalmente interligado com as relações humanas, sendo utilizado para podermos seguir ideais e atingir os mais diversos propósitos. Utilizando muito mais as emoções e fervores populistas do que fatos concretos, o termo pode ser usado com a pior das intenções, o que é o caso da atualidade, e o motivo de ela estar em alta é que, graças aos novos meios de comunicação que surgiram em virtude do avanço da internet, esses tipos de ideias se alastram de maneira espantosa. Mas, antes de entendermos os mecanismos de propagação da pós-verdade, precisamos entender como ela é formada e como ganha seguidores, para assim termos uma melhor noção de como são espalhadas.

5

A CRIAÇÃO DE UMA PÓS-VERDADE

Uma pós-verdade surge a partir de uma desinformação, que diferentemente de uma informação, não se preocupa em apresentar qualquer tipo de embasamento a respeito do que é informado. E o principal objetivo do criador da desinformação é conseguir moldar a visão de realidade do receptor, seja para fazê-lo apoiar algum partido político específico ou para boicotar algum pensamento que vá contra os seus ideais. Tal estratégia foi muito usado por Estados, religiões e quaisquer outras instituições que pregavam ideologias para conseguir manipular a população.

Algumas características da desinformação são a ignorância, a intolerância e/ou a má fé, sendo a primeira por parte da população, que

não consegue encontrar outras fontes além das que lhe são apresentadas e, portanto, não possuem bagagem para a compreensão de outros pontos de vista da realidade. A intolerância por parte do Estado, que reprime e cassa os pensamentos contrários à ideologia pela qual zela, e a má fé, - pois os representantes do Estado têm total consciência de que estão doutrinando a população para assegurar a manutenção de seus interesses próprios - é um outro fator que faz prosperar a desinformação. (JARDIM & ZAIDAN, 2018).

Um clássico exemplo do uso da desinformação na criação de uma pós-verdade implantada pelo Estado é a Doutrina da Segurança Nacional, que durante o regime militar brasileiro pressupunha o cumprimento do Objetivos Nacionais, e usando este argumento cometeu diversas atrocidades no país. A mestrandia no Programa de Pós-graduação Interdisciplinar em Ciências Humanas (PPGICH), Larissa Paludo cita em sua dissertação de mestrado que:

Não se sustenta um regime militar influenciado pela Doutrina da Segurança Nacional que não tenha um inimigo a combater. No contexto de guerra que pressupõe a doutrina, Valdés (1980) aponta que o inimigo interno é uma das condições de existência de tal projeto político. Isso porque para atingir os "objetivos nacionais" da doutrina, que inclui a completa eliminação dos pensamentos políticos dissidentes, da crítica e, sobretudo, das ideologias de esquerda, o mecanismo de atuação da DSN prevê uma forte censura e repressão política e policial em relação ao contraditório, ao diferente. É justamente a existência de um inimigo, que precisa ser combatido, que justifica, e de certo modo legitima, a utilização da violência dentro dessa lógica repressiva. Além disso, faz crer que esta estratégia é não a melhor - já que não há espaço para escolhas -, mas a necessária para alcançar os objetivos, que são, primordialmente, a manutenção da ordem social e do sistema econômico vigente e a eliminação da esquerda. (PALUDO, 2020)

Contudo, o que torna a atualidade a era das pós-verdades é a maneira em que ela é criada, pois hoje em dia, qualquer pessoa pode criar desinformações que cheguem a milhares ou milhões de pessoas. Graças à internet, qualquer indivíduo pode moldar o ponto de vista de alguém a respeito de um determinado tema, mesmo sem ter qualquer tipo de embasamento a respeito deste, e diferentemente de passado, onde a pós-

verdade era imposta sobre a população, limitando sua visão de mundo, hoje a população opta por se manter presa às mentiras e notícias falsas, isolando-se em uma bolha virtual.

Para conseguirmos compreender o porquê deste autoisolamento, precisamos conhecer os meios que a internet usa para propagar a desinformação, pois seus mecanismos são o que fizeram a pós-verdade ser mais perigosa e complexa do que jamais foi, pois graças a tais mecanismos, a pós-verdade não é só uma ideologia, é um vício.

7

OS MECANISMOS DE PROPAGAÇÃO DA DESINFORMAÇÃO

Como já citado anteriormente, o poder que a internet tem de propagar desinformações é a principal responsável por essa “crise da verdade” que está assolando a humanidade, mas quais são exatamente os mecanismos que a rede encontra para conseguir disseminar a desinformação? E quais suas reais consequências para os acadêmicos e, no caso deste artigo, para os historiadores?

A professora titular da PUC-SP, Lucia Santaella, explica que o que tem desafiado tanto os especialistas sobre o tema, quanto especialistas a respeito de qualquer ramo do conhecimento, são questões relativas às *fake news*, que circulam abusivamente entre a internet, e suas relações com as “bolhas”, as famosas “câmaras de eco”, ou seja, o ecossistema individual e coletivo de informação viciada na repetição de crenças inamovíveis. Estes fatores acabam culminando naquilo que é chamada de “era da pós-verdade” (SANTAELLA, Pg.6-7, 2018).

Nota-se que as *Fake News* e as câmaras de eco são as principais responsáveis pela disseminação de desinformação, estas possuem as respectivas definições:

Nos últimos tempos, reservou-se (e, com isso, popularizou-se) o termo *Fake News* para designar os relatos pretensamente factuais que inventam ou alteram os fatos que narram e que disseminados, em larga escala, nas mídias sociais, por pessoas interessadas nos efeitos

que eles poderiam produzir. A expressão se refere, principalmente, aos relatos inventados ou alterados e difundidos com propósitos políticos (GOMES & DOURADO, 2019).

Segue a definição de câmaras de eco:

Neste estudo, entendemos câmaras de eco como grupos que filtram o conteúdo que compartilham, dando preferência a informações que reforcem uma narrativa política em particular [...], ou seja, um ecossistema de informação no qual uma variedade de usuários (incluindo líderes de opinião, veículos hiperpartidários, etc.) busca formas de reforçar uma narrativa específica, muitas vezes gerando maior radicalização dos usuários e aumentando a circulação de desinformação (RECUERDO & SOARES & ZAGO, 2021, apud, BARBERÁ, 2015 & RECUERDO et al, 2017).

8

Portanto, pode-se dizer que as *Fake News* e as câmaras de eco são um grande problema para a sociedade atual, tendo em vista que são ferramentas midiáticas que acarretam severas consequências, como alterar a visão de mundo de determinadas pessoas. Isoladamente, porém, não têm utilidade alguma, pois são apenas formas de promoções de dados, e, por isso, tendem, também, a apresentar características bem únicas, com o fito de influenciar quem toma conhecimento de sua existência.

Adam Kucharski, epidemiologista, professor associado e Sir Henry Dale Fellow na Escola de Higiene e Medicina Tropical de Londres, em seu livro “As regras do contágio”, relata que houve uma pesquisa, em 2011, para saber quais matérias eram compartilhadas do *New York Times* pelo e-mail. Quase sete mil artigos foram usados como dados, durante um período de três meses e, após registrarem as características de cada um, notaram que os artigos que geravam as respostas emocionais mais intensas, tinham uma maior probabilidade de serem compartilhados; por mais que não compartilhassem tantos artigos tristes, os que causavam sentimentos de repulsa eram fortemente propagados (KUCHARSKI, 2020, Pg. 176, apud HEATH, 2001).

Dessa maneira, fica nítido o porquê de a pós-verdade ser tão presente atualmente. Porque, sendo construída a partir das crenças emocionais de cada um, somada a notícias falsas que possuem um conteúdo apelativo e sensacionalista, junto de câmaras de eco que reforçam apenas o que os

usuários querem ouvir, apresentam um apelo muito maior junto às pessoas. Acaba-se tendo uma era de descrenças da verdade e da realidade, independente da área do conhecimento. E, uma vez impregnada na mente de alguém, dificilmente, se consegue argumentar com essa pessoa, pois como já dito, a pós-verdade manipula principalmente os vínculos emocionais (raiva, angústia, orgulho, etc) que está tem com a realidade.

A REALIDADE VERSUS CONVICÇÃO

Aproveitando o argumento do último capítulo, esta manipulação que ocorre diante dos nossos olhos nas redes sociais e na mídia em geral, é um problema que não será fácil de resolver, pois a ambiguidade e a alienação causadas podem ser relativizadas ao extremo. Suponhamos que um neonazista esteja argumentando com um historiador, citando os maiores absurdos possíveis, como por exemplo, que foi graças ao Holocausto que a medicina evoluiu a níveis absurdos, que a força bélica teve uma grande ascensão durante a Segunda Guerra Mundial, e até mesmo mencione que proibir a existência de um partido nazista no Brasil é a mesma coisa que o nazismo fazia com a censura na Alemanha; e argumenta a hipocrisia da história ao dar um “ar vilanesco” para o nazismo, e para a censura do mesmo um ar “benevolente”.

Independentemente dos argumentos que o seu ouvinte venha a oferecer no debate, como o genocídio em massa de judeus, as milhões de mortes causadas pela guerra, o terror instaurado na Alemanha durante o Terceiro Reich ou até mesmo as distorções e as banalizações do mal que até hoje causam a morte e violência ao redor do mundo. Para o seguidor de Hitler, os fatos não importam, porque ele tem um apego emocional com seus ideais (seja preconceito, raiva, misoginia, uma família que segue estas ideias, etc). Embora afirme que não, para ele o nazismo continuará sendo uma coisa boa.

No livro “A (pós-)verdade em uma época de mutações civilizacionais”, os autores listam as principais motivações que levam à crença e disseminação de *Fake News*, que por mais que pareça um exagero à primeira vista comparar Nazismo com uma coisa boa por meio de uma simples *Fake News*, ao analisar mais profundamente vemos que os dois são praticamente a mesma coisa. As motivações que mais se destacam são que “Somos seres movidos por nossas crenças, símbolos e valores. Construimos um mundo de símbolos que orientam nossa ação e nosso entendimento da situação, o que nos torna seres morais, que tendem a escolher um lado da disputa;” (ROIZ & GOMES & SANTANA, Pg.87, 2018).

A outra motivação seria que:

Nosso cérebro foi feito para aceitar as teorias que preferimos e rejeitar as demais. Na verdade, o cérebro tem dificuldade para mudar de opinião e tampouco se preocupa com o que é certo ou errado, pois “ele” quer nos tornar vitoriosos, e prefere generalizar o que já acreditamos a discutir detalhes que coloque em xeque nossos pontos de vista; (ibidem, Pg.87, 2018).

Esta negação dos fatos e descrédito com os argumentos de estudiosos do assunto pode acarretar uma relativização de assuntos que não podem ser relativizados, como no próprio exemplo acima. Tal descrédito torna-se um perigo nas mãos de pessoas mal intencionadas, e, infelizmente, já se pode observar os frutos do que a pós-verdade implanta na sociedade no âmbito da política.

O HISTORIADOR

Durante a pandemia da COVID-19, todos se chocaram ao saberem da existência de grupos anti-vacina crescendo ao redor do mundo, argumentando, sem nenhum embasamento científico, a respeito dos perigos de se tomar a vacina contra o corona vírus. No Brasil, por exemplo, no começo da vacinação, o conteúdo falso anti-vacina cresceu 131% no

Facebook, de acordo com um projeto ligado a USP (TIENGO, 2021). Obviamente, a Área da Saúde necessitou tomar providências para convencer a população de que as *Fake News* não possuíam fundamento nenhum, pois as desconfianças acerca da vacina só cresceram desde então.

E por mais que a Área da Saúde tenha servido de exemplo para mostrar a força da desinformação, as Ciências Humanas também sofrem com este fenômeno, e no caso deste artigo, citarei os desafios enfrentados pelo campo da História quando o assunto é pós-verdade. Para começar, por mais que seu estudo seja para elucidar a humanidade a respeito do seu passado, a História pode muito bem virar uma arma política de desinformação muito perigosa.

Uma forma de impedir o avanço da informação é a desvalorização da especialização, e esta pode ser claramente observada na História, pois a partir do momento em que as pessoas deixam de acreditar nos historiadores, pouco importa o seu conhecimento. Em outras palavras, não adianta nada centenas de historiadores falarem que o homem foi à lua se a população está decidida a não acreditar neles, apenas para defender um ponto de vista próprio, seja religioso, político, etc. Como Jason Stanley menciona em seu famigerado livro “Como funciona o fascismo”:

A política fascista procura minar o discurso público atacando e desvalorizando a educação, a especialização e a linguagem. É impossível haver um debate inteligente sem uma educação que dê acesso a diferentes perspectivas, sem respeito pela especialização quando se esgota o próprio conhecimento e sem uma linguagem rica o suficiente para descrever com precisão a realidade. Quando a educação, a especialização e as distinções linguísticas são solapadas, restam somente poder e identidade tribal (STANLEY, Pg.48, 2018).

Podemos concluir que a desinformação é uma ameaça à democracia e à educação, algo que se relaciona muito com o fascismo, e como diz a ex-secretária de estado dos Estados Unidos, Madeleine Albright, a respeito de Donald Trump em seu livro “Fascismo um Alerta”, o ex-presidente

virou um fazedor de desculpas para governos antidemocráticos. Pois a partir do momento em que o mesmo alvitrou sistematicamente o raciocínio político nos Estados Unidos, exibiu um desprezo impressionante pelos fatos, referiu-se aos jornalistas da grande mídia como “inimigos do povo americano”, entre outras diversas calúnias (ALBRIGHT, Pg.13, 2018); Trump justifica ações fascistas em uma democracia, o que resulta em brechas para os mal intencionados (este sendo um) se expressarem e terem, assim, poder na sociedade. Resumidamente, não há espaço para o historiador em uma sociedade que não está aberta à educação e criminaliza diversas estratégias democráticas.

Somando toda a ambiguidade e excesso de desinformação que relatamos anteriormente, não é difícil imaginarmos os problemas que o historiador sofre na atualidade. A descrença nos especialistas acaba tornando o seu esforço em aperfeiçoar cada vez mais seus conhecimentos em algo banal, e o torna descartável na sua própria área de estudo. Os adeptos deste novo credo relativista pós-estruturalista¹ são unânimes em afirmar que o “status” do saber histórico não pode estar fundado no critério da verdade, por mais que reconheça que esta pode ser encontrada no ramo das ciências da natureza. Insistem que a História, por ser um conhecimento humano, não pode atingir uma exata correspondência para com o passado e sua interpretação. (SILVA, Pg.349, 1998).

Outro desafio é que a história não mais se produz somente na academia, muito menos se veicula apenas por meio do livro impresso. A internet potencializou a historiografia a níveis impressionantes, e hoje nos encontramos em uma era de abundância de conteúdo que quebra os paradigmas da informação até seu surgimento (MALERBA, 2017, apud ROSENZWEIG, 2011). Porém, conforme aumenta a quantidade de conteúdo, proliferam também as discordâncias entre os escritores e isso se deve ao

¹Defendem que não há uma verdade absoluta, pois qualquer objeto de estudo depende do seu contexto histórico.

fato, de hoje em dia, qualquer pessoa poder escrever sobre a história que as pessoas vão ler, seja ela um historiador ou um leigo.

O conceito de “autoria”, assim como seu advento, colocou em “xeque” os modelos de legitimação do conhecimento e autoridade. É notório como a historiografia deixou de ser escrita e lida por profissionais e passou a ser difundida por qualquer um que julgue conveniente escrever história (ibidem, 2017) o que faz com que o historiador perca relevância, a partir do momento em que vivemos em um mundo em que um leigo e um historiador podem comentar sobre a área com a mesma facilidade, e dependendo da influência, o leigo consiga até mais visibilidade.

Esta nova forma de historiografia é extremamente nociva para a sociedade, pois esta depende da História para conseguir construir uma identidade, e a partir do momento em que qualquer um pode escrever a História que atinge milhares de pessoas e estas têm a crença que o que estão lendo é verdade, a História pode ser manipulada segundo a maneira de quem a escreve. No momento em que um tweet feito em cinco minutos por um indivíduo sem formação histórica, defendendo que Napoleão nunca existiu atinge milhares de pessoas em algumas horas, e este tem tanta credibilidade quanto um artigo feito por um doutor em história francesa que provavelmente não irá sair do âmbito acadêmico. Nota-se que há um problema não só de ignorância, mas também de logística.

Petersen e Lovato, utilizando o discurso de Carlos Pereyra, afirma que:

Parece óbvio que as interpretações históricas incluem sempre juízos de valor e que nenhum apego à pretendida objetividade do dado anula o peso dos esquemas ideológicos na narração explicativa. A tendência de evitar os juízos de valor para preservar uma suposta pureza científica e a contaminação de ingredientes ideológicos exhibe incompreensão séria de quais são os modos em que intervém a ideologia na produção de conhecimentos (PETERSEN & LOVATO, 2013, apud PEREYRA, 1982).

CONCLUSÃO

O principal problema do historiador na pós-modernidade é a falta de confiança que a sociedade tem a respeito de seu trabalho, sua produção acadêmica e, inclusive, dele próprio, já que o uso constante da pós-verdade na crença das pessoas acaba deturpando a importância do ofício dos responsáveis por apresentar fatos, e no caso do historiador, fatos históricos. Outro empecilho que pode ser notado é que uma desinformação se prolifera muito mais rapidamente do que uma informação acadêmica, dificultando o trabalho que pesquisadores têm em levar conhecimento à população.

Assim, independentemente do quanto um profissional da área de História saiba a respeito dos fatos passados e difunda este conhecimento, o mesmo pouco adiantará se a população não confiar em suas palavras, e esta situação é o principal problema enfrentado pelo historiador na era da pós-verdade, com convicções que não necessitem mais de fatos, mas, sim, que meramente sejam perfunctoriamente palatáveis, dando uma falsa sensação de conhecimento e, desta impostura, produzindo, inclusive, atos em seu nome, com consequências que podem eventualmente ser nefastas e perniciosas ao mundo humano. E isto é, de certa forma, tudo o que a humanidade ilustrada tem recusado – e de várias formas - ao longo dos séculos, para que os ramos do saber, como a História, não padeçam de seus prejuízos.

REFERÊNCIAS

ALBRIGHT, Madeleine. **Fascismo em Alerta**. São Paulo. Editora CRÍTICA. 2018.

GENESINI, Silvio. **A pós-verdade é uma notícia falsa**. Revista USP. 2018. Pg. 48. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/revusp/article/view/146577/140223>

GOMES, Wilson da Silva & DOURADO, Tatiana. **Fake News, um fenômeno de comunicação política entre jornalismo, política e democracia**. Estudos em Jornalismo e Mídia, Vol.16. Pg. 35. 2019. Disponível

em:<https://periodicos.ufsc.br/index.php/jornalismo/article/view/1984-6924.2019v16n2p33/41754>

HARARI, Yuval Noah. **21 lições para o século 21**. São Paulo. Editora Companhia Das Letras. 2018.

JARDIM, Hallini Izabel Ruberto & Z Aidan, Phillipe Derwich Silva. **CONTROLE DE INFORMAÇÃO: uma análise sobre o papel da censura e da fake News na história brasileira**. Universidade Federal de Minas Gerais. 2018. Pg.5.

Disponível em:

<https://periodicos.ufmg.br/index.php/moci/article/view/16883/13642>

KUCHARSKI, Adam. **As regras do contágio**. Rio de Janeiro. Editora Record. n.1. 2020.

MALERBA, Jurandir. **Os historiadores e seus públicos: desafios ao conhecimento histórico na era digital**. SciELO. 2017. Disponível em:

<https://www.scielo.br/j/rbh/a/LHTGChGvyDBCdzDk33k4WgM/?format=html>

MALERBA, Jurandir. **Os historiadores e seus públicos: desafios ao conhecimento histórico na era digital**. SciELO. 2017. Disponível em:

<https://www.scielo.br/j/rbh/a/LHTGChGvyDBCdzDk33k4WgM/?format=html>

PALUDO, Larissa Júlia. **O INIMIGO INTERNO QUE AMEAÇA A NAÇÃO: UM ESTUDO SOBRE ALTERIDADE NOS DISCURSOS DE JAIR MESSIAS BOLSONARO**.

Universidade Federal da Fronteira Sul. Pg. 47. Disponível em:

<https://rd.uffs.edu.br/bitstream/prefix/3932/1/Larissa%20Julia%20%20Paludo.pdf>

PETERSEN, Sílvia Regina Ferraz & LOVATO, Bárbara Hartung. **Introdução ao Estudo da História: Temas e Textos**. Edição do autor. 2013. Disponível em:

https://e-aula.ufpel.edu.br/pluginfile.php/288792/mod_resource/content/1/PETERSEN%20C%20Silvia.%20Cap%C3%ADtulo%202%20%E2%80%93%20Hist%C3%B3ria%20Acontecimento%20e%20conhecimento%20p.221-264.pdf

RECUERDO, Raquel & SOARES, Felipe & ZAGO, Gabriela. **Polarização, hiperpartidarismo e câmaras de eco: como circula a desinformação sobre COVID-19 no Twitter**. Revista contracampo, Niterói, v. 40, n.1. Pg. 4-5. 2021.

Disponível em:

<https://periodicos.uff.br/contracampo/article/view/45611/28708>

ROIZ, Diogo Da Silva & GOMES, Geovane Ferreira & SANTANA, Isael José. **A (pós-) verdade em uma época de mutações civilizatórias**. Editora Milfontes. 2018. Disponível em: [https://editoramilfontes.com.br/acervo/A%20\(pos-](https://editoramilfontes.com.br/acervo/A%20(pos-)

[\)%20verdade%20em%20uma%20epoca%20de%20mutacoes%20civilizacionais.pdf](#)

SANTAELLA, Lucia. **A Pós-Verdade é Verdadeira ou Falsa?**. São Paulo. editora Estação das Letras e Cores. 2018. Disponível em:

https://books.google.com.br/books?hl=pt-BR&lr=&id=cfWADwAAQBAJ&oi=fnd&pg=PT4&dq=p%C3%B3s-verdade&ots=oxhGkc_OSj&sig=iDNFBLPzEMc6DgZko5Z9530_NX0#v=onepage&q=p%C3%B3s-verdade&f=false

16

SIEBERT, Silvânia & PEREIRA, Israel Vieira. **A Pós-verdade como acontecimento discursivo**. SciELO. 2020. Disponível em:

<https://www.scielo.br/j/ld/a/vykt83t8h8874gJT7ys46sy/?lang=pt>

SILVA, Maria Manuela Souza. **A História em tempos de pós-modernidade. Alguns comentários**. Rio de Janeiro. Revista Phoênix. 1998.

STANLEY, Jason. **Como Funciona O Fascismo**. Porto Alegre. Editora L&PM editores. 3º edição. 2018.

TIENGO, Rodolfo. **Conteúdo falso antivacina cresce 131% em rede social com início da imunização contra Covid, aponta projeto ligado à USP**. G1. 2021. Disponível em: <https://g1.globo.com/sp/ribeirao-preto-franca/noticia/2021/02/26/conteudo-falso-anti-vacina-cresce-131percent-em-rede-social-com-inicio-da-imunizacao-contracovid-aponta-projeto-ligado-a-usp.ghtml>